DOSSIÊ

A CONSTRUÇÃO DA FELICIDADE NO TRABALHO VOLUNTARIADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU-RJ

THE CONSTRUCTION OF HAPPINESS IN VOLUNTEERED WORK IN ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE MUNICIPAL NATURAL PARK OF NOVA IGUAÇU-RJ

Edileuza Dias Queiroz[18]
Gabriel dos Santos Martins[19]

Submissão: 29/06/2017 **Revisão: 02/01/2018** **Aceite: 02/01/2018**

Resumo: O presente artigo traz reflexões acerca da felicidade, sentimento fluido na sociedade contemporânea, discutindo a relação estreita e necessária entre a construção da felicidade e educação ambiental. Encontra-se no voluntariado uma possibilidade de formação a partir das experiências vivenciais em coletividade na natureza. Assim, analisa-se um grupo de voluntariados em uma Unidade de Conservação e o reflexo desta vivência para a constituição do ser social, tendo a Educação Ambiental **como ação intrínseca do voluntariado nesses espaços.**
Palavras chave: Voluntariado; Educação Ambiental; Felicidade.

Abstract: This article presents reflections about happiness, fluid feeling in contemporary society, discussing the close and necessary relationship between the construction of happiness and environmental education. Volunteering is a possibility for training based on the experiences of the collective in nature. Thus, we analyze a group of volunteers in a Conservation Unit and the reflection of this experience for the constitution of the social being, with Environmental Education as the intrinsic action of volunteering in these spaces.
Keywords: Volunteering; Environmental education; Happiness.

[18] Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – campus Nova Iguaçu. E-mail: edileuzaqueiroz@gmail.com.
[19] Licenciando em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: gabrieldossantosmartins@yahoo.com.br

Considerações iniciais

O debate acerca da felicidade tem conquistado variados campos epistemológicos ao longo da história, por diversas ciências e contextos variados. A importância sobre o assunto pode ser atribuída por sua intrínseca relação com comportamentos humanos, ligados a estruturas de pensamentos e ações oriundas de relações subjetivas e objetivas no bojo histórico, cultural, político, econômico e geográfico.

Afinal, o que é a felicidade? Será que essa busca conceitual pertence apenas ao âmbito filosófico/metafísico? A felicidade enquanto virtude essencial do ser, que deve permear qualquer concepção e movimento do homem e da mulher, na busca constante pelo o desejo do bem-estar pleno? A ligação com o divino em uma vida baseada na busca do eterno descanso, livre das dores e do sofrimento? Pode a felicidade ser interpretada pela filosofia kantiana enquanto expressão do exercício da liberdade sob a égide da razão e da lei moral (GIANNETTI, 2002)? Considerando a dialética, tais considerações são válidas para a construção da realidade.

Não se objetiva, aqui, o aprofundamento teórico-conceitual sobre a felicidade. O que se coloca como base para a reflexão de um conceito complexo é o estabelecimento da felicidade enquanto um processo dinâmico, pois se insere em múltiplas relações, sendo constituída e constituinte pelas relações sociais. Ou seja, adotamos a felicidade enquanto conceito histórico, a partir da sua constituição no mundo contemporâneo, expresso por suas contradições geradas pelo processo da globalização sob a égide do capitalismo. Por meio de tal premissa, o que se entende por felicidade, além das explanadas acima, também é uma construção ligada aos fatores da alienação, que se materializa pela ideologia do consumismo/utilitarismo, bem como afirma Barbosa (2006, p. 150):

> [...] A felicidade enquanto um valor a ser almejado a qualquer custo implica a adoção de certos padrões de comportamentos e atitudes diante da vida, que garantam ao ser humano o alcance desse valor. E dentre os padrões adotados pelo homem na busca da felicidade destaca-se, por sua influência no mundo contemporâneo, o engendrado pelo utilitarismo.

Desejamos ser felizes, buscamos a felicidade. Mas se deve refletir sobre os processos em que essa felicidade é fomentada e, além, pensar nos processos pelos quais iremos ser felizes. Seremos felizes buscando a passividade diante das injustiças, pela busca do não conflito? Seremos felizes comprando bens materiais, pelos padrões de consumo do meio urbano/industrial? Seremos felizes priorizando as relações com nossos familiares e amigos? Seremos felizes buscando uma nova estrutura social, lutando, resistindo e enfrentando as ofensivas ditatoriais enraizadas na constituição histórica do Brasil?

Considerando a realidade com base na dialética, muitas acepções sobre o que seja a felicidade e sua importância para o movimento da história podem ter relevância para análise. A relação entre felicidade e Educação Ambiental (EA) será contemplada por tal premissa fundamental: a realidade, complexa e contraditória, abarca os diversos sentidos empregados à felicidade, incluindo o sentimento que emerge das práticas educativas ligadas à crítica e busca de transformação das relações sociais que se apresentam. A projeção de novas estruturas histórico-sociais fomenta a base para a inserção de novos e variados processos de felicidades.

Almejar um mundo melhor, lutar/resistir por um ambiente melhor e, principalmente, estar em um mundo melhor são motivos para o bem-estar individual e coletivo. O caráter ambiental é colocado no centro da discussão, pois uma sociedade mais justa, equitativa, terá seus reflexos no ambiente. O mesmo pode se verificar quando nos propomos a analisar as condições e relações da sociedade capitalista para com o ambiente. Uma sociedade baseada na exclusão, na desigualdade e na disjunção entre o homem e natureza

(MORIN, 2010), reflexo e condicionante de variadas crises socioambientais, em que a felicidade é tomada por ideologias do consumo.

Frente a essa lógica, propomos a discussão acerca dos processos de felicidade embutidos no trabalho voluntariado para a EA no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu (PNMNI), por meio da análise de questionários qualitativos e semiestruturados aplicados com os integrantes da equipe de voluntários do Parque.

Trabalhar com a EA se insere na busca pelo novo, na busca pela transformação, pelo ideal de uma sociedade que não esteja balizada pelas estruturas capitalistas de classe e de produção. Inserimos como um dos processos da felicidade esse movimento, muito mais expresso enquanto práxis, do agir em prol das relações socioambientais. E, assim, começamos a entender melhor como se constitui a vontade de um voluntariado com trabalhos ligados à EA. Como explicar esse fenômeno, senão, alicerçado pelo sentimento do estar-bem/buscar estar-bem? Como explicar a relação do se doar, em uma sociedade em que cada vez mais as relações de trabalho são embutidas pelos processos econômicos, onde "tempo é dinheiro"? O trabalho voluntariado emerge enquanto atividade que promove a felicidade pela sociabilidade, o bem-estar, e que mostra seus resultados efetivamente por meio da EA. Algumas dessas questões serão contempladas ao longo da discussão.

O caráter da extensão

Continuamos o presente escrito com duas importantes ressalvas que constitui e consolida, em termos argumentativos, a justificativa acadêmica e social da pesquisa. Primeiro, a fundamental importância interativa e dinâmica dos três pilares que fundamentam a estrutura e organização da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Nenhum plano hierárquico deve postular a relação entre tais, o que significa dizer que a universidade não pode ser constituída apenas pela pesquisa (stricto sensu) ou com ênfase apenas nesta. O ensino e a

extensão são importantes fatores para a sistematização e construção do conhecimento, não deve haver nenhum indício de interiorização. Postulamos isso porque evocamos a pesquisa sobre a extensão no PNMNI.

Em segundo plano, apontamos a necessidade da extensão universitária ser promovida conjuntamente com as Unidades de Conservação (UCs), estabelecendo elos significativos para a manutenção plena das relações socioambientais conjuntamente com a produção de conhecimentos. Tal processo pode se constituir de variadas formas por meio do compromisso social. A construção de políticas públicas, diagnósticos ambientais, levantamentos histórico-culturais dos locais de inserção das UCs etc., podem ser citados como formas de concretização de tal elo. Algumas dessas formas tem como núcleo fundamental a fomentação do uso público, que deve ser pensado e praticado por meio de concepções integrativas que englobam a relação sociedade-natureza e a relação da comunidade local com o Parque, fundamentais para a conservação socioambiental. Portanto, o trabalho voluntariado foi promovido como parte do projeto piloto de voluntariado da pesquisa de doutoramento da primeira autora. Acredita-se que o incentivo à ação voluntária amplia a noção do coletivo. Esta ação também busca sensibilizar a população do entorno, pois, há parceria com uma Universidade localizada nas proximidades (UFRRJ – campus Nova Iguaçu), e, - até o momento - uma escola municipal (Mesquita) que está localizada na zona de amortecimento, também existem voluntários que são moradores da comunidade do entorno. Estes movimentos são muito benéficos para a UC, pois, segundo Amador e Palma (2015, p. 342), "através do engajamento dos voluntários garante-se um comprometimento com a causa ambiental e um auxílio importante nos serviços de manutenção da UC". Ressalte-se, também que o serviço voluntário em Parques é uma tradição em muitos países do mundo inteiro.

O trabalho voluntariado em educação ambiental

Voluntário é todo aquele que doa seu tempo, trabalho e talento em ações que beneficiam a si e a outros. No trabalho voluntário há a doação de um trabalho que necessita ser feito, cujo resultado representa uma troca de satisfação interior. Por outro lado, há que se registrar o aumento da experiência profissional do voluntário: trabalho em equipe, integração, flexibilidade, visão de futuro, otimismo e outras importantes nuances que podem ser vividas e aplicadas no desenvolvimento pessoal e profissional, segundo Corrullón e Medeiros Filho (2002).

Além da importância significativa do trabalho voluntário como forma de suprir em muitos aspectos necessidades da sociedade, fator que, por si, pode ser o grande motivador de tal proposta, pode-se afirmar que um programa bem elaborado, planejado com cuidado e bem gerenciado também traz diversos benefícios ao voluntariado. Pode-se afirmar que, indiretamente, a investidura nessas atividades contribui de forma significativa para o desenvolvimento pessoal e profissional, possibilita a descoberta de novas aptidões, contribui para o aumento do círculo de amizades, satisfação e felicidade. O trabalho voluntário em UCs pode ser uma importante ferramenta para a democratização da gestão da Unidade, possibilitando um maior envolvimento da população na preservação dos recursos naturais de forma sincera, consciente e espontânea. Segundo Moniz e Günther (2011, p. 117), "[...] o voluntariado ambiental encontra-se entre as iniciativas que se desenvolvem de forma altruísta, de modo livre e sem expectativa de lucros, com tarefas diretas para a melhoria ambiental e conservação dos recursos naturais." Além disso, há desenvolvimento de transformação pessoal e social, contribuindo para uma sociedade mais igualitária e comprometida ambientalmente. Assim, a EA representa ação intrínseca do voluntariado ambiental, uma vez que pode produzir impactos socioambientais positivos em todos os espaços formativos, mas principalmente, em UCs.

Não estamos escrevendo sobre uma EA qualquer; no campo das ações, discursos e teorias (que se configura em um campo de disputa) optamos e afirmamos a EA crítica, capaz de fornecer subsídios para a análise e compreensão da realidade complexa e contraditória que se apresenta, movimento que possibilita a elaboração intelectual do voluntário sobre a sua ação (reflexão – ação – intenção) nas relações políticas, sociais e econômicas. É uma perspectiva que atribui mais rigor ao trabalho voluntário, o que Selli e Garrafa (2005, p. 474) denominam de solidariedade crítica

> A adjetivação crítica diz respeito à capacidade do agente de discernir, ou seja, de possuir critérios capazes de ajudá-lo a discriminar a dimensão social e política que estão indissociavelmente presentes na relação solidária. [...] A capacidade de entender essa dimensão política, que se refere à cidadania e à possibilidade de intervir de forma ativa na definição de políticas públicas, também caracteriza essa dimensão crítica.

A solidariedade crítica no trabalho voluntário se apresenta como uma grande possibilidade de intervenção baseada na práxis capaz de promover ações concretas de transformação e formação crítica, profícuas relações que a EA crítica também traz em sua composição. Tais formulações foram a base para o trabalho no PNMNI.

Resultados e discussão

Foram aplicados dois questionários semiestruturados ao decorrer do programa, um no primeiro dia de atividade e um no último dia. Para a melhor compreensão da proposta pretendida aqui, será realizada a análise/discussão de cada um de forma sucessiva. Além dos questionários, tecem-se comentários com base em entrevistas não estruturadas e observações participantes sobre as atividades promovidas por meio do trabalho voluntariado.

A intenção buscada pelo primeiro questionário aplicado foi a de fazer um reconhecimento do perfil dos participantes com informações do tipo: idade,

sexo, município de residência, escolaridade e experiência em outros trabalhos voluntariados. Além disso, buscou-se saber os interesses e motivações que levaram a participação dos sujeitos no programa, bem como as expectativas esperadas de cada. 12 pessoas responderam o questionário, pois estavam presentes na primeira reunião. O perfil dos voluntários está expresso na Tabela 1.

TABELA 1: Perfil das voluntárias e voluntários do PNMNI

VOLUNTÁRIO	IDADE	SEXO	MUNICÍPIO	ESCOLARIDADE	EXPERIÊNCIA
1	18	F	Duque de Caxias	Cursando ES*	Não
2	18	M	Japeri	Cursando ES	Não
3	19	M	Rio de Janeiro	Cursando ES	Não
4	19	M	Mesquita	Cursando ES	Não
5	21	M	Nova Iguaçu	Cursando ES	Não
6	21	F	Rio de Janeiro	Cursando ES	Não
7	21	F	Rio de Janeiro	Cursando ES	Não
8	22	M	Nilópolis	Cursando ES	Não
9	24	M	Nova Iguaçu	Cursando ES	Sim
10	25	M	Nova Iguaçu	Cursando ES	Não
11	31	F	Nova Iguaçu	Cursando ES	Não
12	32	M	Rio de Janeiro	Cursando ES	Não

Fonte: Questionário semiestruturado dos autores.
Elaboração: Própria (2017)
*ES-Ensino Superior

A tabela 1 expressa a diversidade do perfil dos voluntários e voluntárias, algo importante para a promoção da troca de experiências por meio das conversas, atividades e brincadeiras, denotando, assim, uma sociabilidade integrativa bastante promissora entre os integrantes. Nota-se que todos têm idades aqui compreendidas como joviais, entre 18 e 32 anos, mas que apresentam uma grande diversidade compreendida em uma faixa de 14 anos de diferença do mais novo para o mais velho do grupo. Assim como a variedade composta pelos sexos.

Outro fator que expressa grande importância para a promoção da interação obtida advém dos variados municípios de origem, pois se considera que realidades de diferentes localidades contribuem para a construção e consolidação de diferentes identidades. Foi notório que os integrantes lidavam muito bem com as diferenças de cada, gerando diversos momentos agradáveis de lazer promovidas, em grande maioria, pelas variadas perspectivas de enxergar e "encarar" o mundo provindas das diferentes personalidades que enriqueciam os momentos de encontros. Cada encontro era um motivo para rir, para se divertir.

Cabe ressaltar que na primeira reunião foram apenas integrantes cursando o ensino superior por conta da forte divulgação feita na Universidade; dez cursando Geografia[20], um cursando história e um cursando turismo.

Após a análise do perfil dos voluntários e voluntárias, faz-se necessário entendermos as motivações e perspectivas da busca pelo trabalho em prol da EA. O direcionamento da questão objetivou revelar quais os interesses e sentimentos ligados à busca da concretização de novas relações socioambientais.

Motivações e expectativas

De forma geral, todos os voluntários e voluntárias expressaram como motivação o forte apreço pelas questões ambientais, interesse explanado e definido por eles e elas ligado à grande importância que a temática ambiental exerce na contemporaneidade. As expectativas foram direcionadas no sentido da preservação e da transformação, além do aprimoramento de conhecimentos e da integração com projetos vinculados à Universidade.

[20] O grande número de discentes do curso de Geografia se deu pelo laço institucional da organizadora do programa de voluntariado: docente do departamento de Geografia. Ao longo do programa pessoas de outras áreas também integraram o grupo (incluindo pessoas já formadas, funcionários do Parque, colegas e amigos dos discentes que participaram da pesquisa), o que aumentou ainda mais a diversidade do perfil do quadro dos participantes.

Alguns outros fatores motivacionais podem ser conferidos por meio da fala de alguns.

> Me interessei pelas questões ambientais desde o início da minha graduação, e fui gostando cada vez mais que lia, estudava e pesquisava sobre a epistemologia ambiental. Estar nessa área é motivação para pensar as questões socioambientais visando suas transformações. Por isso estou aqui, pois me incomodo com a realidade vigente e vejo que esse programa pode ser um exercício para tal (VOLUNTÁRIO 5, 2016).

A motivação alicerçada pelo movimento da mudança é central na fala do voluntário 5, que vê o programa de voluntariado como um processo para poder buscar as transformações diante seu incômodo com a realidade posta. Ideia também explanada pelo VOLUNTÁRIO 4 (2016): "A motivação vem do desejo de atuar na área ambiental. O modo que posso cooperar com o meio natural e na perspectiva da preservação do próprio parque".

A busca pela aquisição e aprimoramento de conhecimentos acerca da epistemologia ambiental (e sua complexidade) foi pauta central de algumas falas, ressalta-se que essa é uma etapa fundamental para o aprimoramento da crítica ao modelo de sociedade vigente. A dedicação, o estudo, as trocas dialógicas e as experiências educativas são dinamizadores essenciais para a EA crítica. Quando indagado sobre a sua motivação, o VOLUNTÁRIO 10 (2016) expressou que seria por "Conhecer a área ambiental melhor, expandir meu conhecimento, participar mais ativamente das atividades promovidas pela instituição". Os voluntários 6, 7 e 11 também pontuaram tal motivação.

As expectativas sobre o trabalho voluntariado (enquanto objetivos esperados pelos participantes) expressaram a ideia da mudança, da contribuição social, do aprimoramento e, principalmente, da continuidade. A seguir, algumas falas voltadas a responder à questão acerca das expectativas sobre o trabalho voluntariado: "Sair desse trabalho voluntário melhor eticamente ambiental, e melhor preparado em questões do meio ambiente para ajudar em pesquisas

futuras" (VOLUNTÁRIO 2, 2016). "De mudanças: internas – pensando em minha formação enquanto sujeito – e externas – nos ambientes em que atuo" (VOLUNTÁRIO 5, 2016). "Grandes expectativas tanto no andamento quanto na continuidade. A ideia do fortalecimento da relação comunidade x reserva será fortalecida com o programa" (VOLUNTÁRIO 12, 2016). "Obter uma compreensão melhor do ambiente, assim como da EA e suas perspectivas. Deixar um legado para o município e incentivar mais projetos como esse na faculdade" (VOLUNTÁRIO 10, 2016).

A ideia da continuidade e da preocupação com o retorno à comunidade local funciona como um duplo processo *felicitário*; a do voluntariado, envolto na ação, e (futuramente) a do morador que poderá se beneficiar da ação promovida pela EA, que contribui paulatinamente para o ambiente local mais justo. Uma forma utópica (e necessária) de se pensar essas relações.

Nas "trilhas" da felicidade

O segundo questionário revelou objetivamente a relação entre os processos de felicidade com a EA no Parque, que se constituiu por meio da ação em busca de alguma transformação juntamente com os atrativos naturais (trilhas, poços de água da cachoeira, etc), que exerceram forte contribuição para a sensação de bem-estar durante as atividades. A felicidade não foi tratada como o produto da ação, mas como parte integrante de todo o processo do trabalho voluntariado. Não se deve, também, "romantizar" a atividade, é claro que muitos problemas surgiram para a consolidação dos trabalhos, momentos de preocupação e tensão fizeram parte do processo, mas a satisfação geral foi mais considerável.

Apenas 5 integrantes responderam o último questionário porque a maioria não estava presente na atividade de encerramento. Como pode ser observado na Tabela 2, o perfil de integrantes mudou, justamente pela a aquisição de participantes ao grupo.

TABELA 2: Perfil das voluntárias e voluntários presentes no último dia de atividade.

VOLUNTÁRIO	IDADE	SEXO	MUNICÍPIO	ESCOLARIDADE
1	19	F	Belford Roxo	Cursando ES*
2	22	F	Nova Iguaçu	Cursando ES
3	23	F	Belford Roxo	Cursando ES
4	25	M	Nova Iguaçu	Cursando ES
5	32	M	Rio de Janeiro	Cursando ES

Fonte: Questionário semiestruturado dos autores.
Elaboração: Própria (2017)
*ES-Ensino Superior

Uma questão foi direcionada a saber se os atrativos naturais interferiram na sensação e motivação durante o trabalho. O contato com a dimensão do natural contribui para sensações agradáveis que interferem de maneira positiva para os trabalhos em EA. Os sentidos do corpo integram o quadro ambiental por meio do ouvir os pássaros e a água da cachoeira, de sentir a brisa que refresca, do toque na terra, nas árvores, na água.

Diante disso, a VOLUNTÁRIA 3 (2016) afirmou que não teve a sensação de estar trabalhando[21], justamente pelo prazer que aquele quadro fornecia: "Não me senti em momento algum fazendo um trabalho, cada momento foi divertido e prazeroso. O ambiente com certeza foi bastante motivador, no parque me senti em paz". A sensação explanada pelo VOLUNTÁRIO 4 (2016) foi direcionada para um quadro de esperanças: "Uma sensação de que a sociedade em que vivemos ainda pode ser melhorada, ainda há esperanças. Sem dúvidas, estar em contato com a natureza é algo renovador, no mínimo".

Além da pergunta direcionada aos aspectos naturais e sua relevância para a felicidade, foi indagado se o tempo de cada integrante foi bem aproveitado

[21] O que a voluntária está chamando de trabalho é definido pelos marcos das relações do trabalho da sociedade moderna-ocidental-capitalista, baseado na expropriação e exploração. O programa de voluntariado, ao contrário, traz uma dimensão mais ontológica do trabalho.

com a atividade não remunerada. Entender o sentido da doação do tempo em nossa sociedade é muito importante, pois o que foi estabelecido se materializou em uma lógica em que tempo não é somente dinheiro, uma lógica que estabelece que tempo também é felicidade, também é alegria e que deve ser direcionado pela busca do bem-estar. Algumas falas dos voluntários e voluntárias: "Não há recompensas maior do que estar em um ambiente tranquilo com amigos, além da sensação de bem-estar" (VOLUNTÁRIO 4, 2016); "Cada minuto foi bem aproveitado e há coisas que valem mais que qualquer dinheiro do mundo" (VOLUNTÁRIA 3, 2016); "O aprendizado e contato com a equipe vale mais do que qualquer pagamento" (VOLUNTÁRIA 2, 2016).

Quando indagados se foram felizes durante a realização do trabalho a resposta foi unânime, todos afirmaram que sim. Felicidade construída em conjunto, pela sociabilidade, pela experiência do conhecimento e pela concretização do trabalho de base. Algumas falas dos voluntárias e voluntários expressaram isso: "Sim. Me apresentou um novo mundo tão perto de casa e me mostrou que trabalhar em um lugar que se ama te torna mais feliz" (VOLUNTÁRIA 1, 2016).

> Felicidade é pouco, porque aqui convivemos momentos incríveis, muitas alegrias, muita paz. Durante o projeto, além de muito aprender sobre os aspectos ambientais de Nova Iguaçu, fizemos uma grande amizade no grupo (VOLUNTÁRIO 4, 2016).

> Sim!!! Tanto o ambiente quanto as pessoas tornaram cada momento desse projeto único e feliz ☺. Na verdade, eu não sei muito o que procurava quando iniciei o trabalho, mas hoje, após finalizado, vi que valeu a pena cada minuto (VOLUNTÁRIA 3, 2016).

O conjunto dessa experiência revela que o trabalho voluntariado no PNMNI mostrou resultados consideráveis por conta da construção da felicidade que se mostrou latente em todo o processo. A EA, com seu compromisso político e social do tratamento da interface sociedade-natureza,

pode obter resultados mais efetivos quando trata a felicidade enquanto fundamental nas atividades práticas e teóricas.

Considerações finais

Postulou-se como objetivos a promoção da discussão referente à felicidade enquanto parte integrante (e necessária) do movimento concreto e simbólico ligado à EA, por meio de um estudo de caso que envolve uma dimensão prática e teórica formulada com os ideais da crítica ao conjunto de práticas e imaginários instituídos pela hegemonia do sistema capitalista. Considerou-se, assim, um processo de felicidade crítico, divergente da forma de felicidade promulgada por ideologias e alienações. Sim, é possível. Sim, temos que buscá-la. Pelas brechas do sistema dominante, temos que estabelecer relações que promovam o bem-estar, o sorrir, o prezar pelo encontro e o diálogo e a busca pelo movimento de mudança da realidade.

Tal dimensão prática foi exercida por uma atividade de caráter extensivo, pela busca da práxis no PNMNI por meio do trabalho voluntariado, entendido e fomentado como um aporte procedimental em prol da EA.

A análise mostrou que o trabalho coletivo, ancorado em valores pessoais que busquem a auto formação traz em seu bojo questões que necessitam vir à tona na contemporaneidade, como é o caso do voluntariado. E quando este se realizada em UCs, torna-se muito satisfatório, pois é aflorada a identidade do ser humano com a natureza, assim, pode ser reconhecida a questão de que o ser humano é natureza (sujeito que integra a totalidade).

Referências

AMADOR, A. B., PALMA, L. M. Dez anos do programa de voluntários do Parque Nacional da Tijuca, RJ. In: VALLEJO, L. R., PIMENTEL, D. S., MONTEZUMA, R. C. M. (ORGS.). **Uso público em Unidades de Conservação: planejamento, turismo, lazer, educação e impactos**. Artigos do 1º e 2º Encontros Fluminenses. Niterói: Ed. Alternativa, 2015.

BARBOSA, C. A fundamentação da felicidade em Marx. In: **Educ. e Filos.**, Uberlândia, v. 20, n. 39, p. 147-162, jan./jun. 2006.

CORULLÓN, M. B. G; MEDEIROS FILHO, B. **Voluntariado na Empresa: Gestão Eficiente da Participação Cidadã**. São Paulo: Peirópolis, 2002.

GIANNETTI, E. **Felicidade.** São Paulo: Companhia de Letras, 2002.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória – Ed. revista e modificada pelo autor – 13ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MONIZ, A.L.F.; GÜNTHER, H. Voluntariado Ambiental: um estudo exploratório. In: **Psico**. Vol. 42, nº 1, p. 116-123, 2011.

SELLI, Lucilda; GARRAFA, Volnei. Bioética, solidariedade crítica e voluntariado orgânico. **Rev. Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 473-478, 2005.